

UNIDADE 17 – 29/06/2016

PROGRAMA 1 – PRODUÇÃO DE TEXTO ESCRITO

Uma pergunta que muitos professores alfabetizadores se fazem é:

“Agora que meus alunos decifraram o código alfabético, como faço nascer a sua produção de textos?”

Essa é uma pergunta pertinente porque a produção do texto escrito não é natural como a do texto oral. Tanto é que, quando se transcreve fielmente um texto oral para a escrita, ele fica muito difícil de ler!

Quando falamos, temos uma série de “licenças”. Por exemplo, podemos interromper uma frase no meio e começar outra linha de raciocínio; nem sempre fazemos concordância verbal ou até mesmo nominal; é perfeitamente aceitável que pronunciemos certas palavras de acordo com nosso nicho social (como “dormino” em vez de “dormindo”); toleram-se “cacoetes” verbais que se repetem infinitas vezes (como “tipo...”, “tá me entendendo?”, “ééééé...”); e, principalmente, não precisamos pensar em questões ortográficas!

O nosso pensamento tem várias camadas, várias dimensões e evoca imagens, cheiros, sabores e sensações (às vezes a gente até se arrepia ao dizer algo). Em outras palavras, ele funciona de modo semelhante ao da navegação na internet: abrimos janelas dentro de janelas, sendo que algumas destas são de texto, outras, de imagens presentes ou futuras, outras, de verdadeiros filmes que já vivemos ou que almejamos viver.

O texto escrito não pode seguir livre, ao sabor do improvisado, mudando de direção o quanto quiser e criando as regras que quiser, sob pena de não comunicar coisa alguma. Para que ele sirva ao propósito da comunicação, é preciso estruturá-lo e atender às regras estipuladas.

São vários os tipos ou gêneros de texto e há maneiras diversas de classificá-los. Apenas para efeitos do trabalho de hoje, vou dividi-los em duas grandes categorias: textos curtos, por um lado, e o texto narrativo, por outro. O professor pode trabalhar com as duas categorias simultaneamente, isto é, não é o caso de um deles ser pré-requisito para se trabalhar com o outro.

Os textos curtos são ótimos para trabalhar com alunos com dificuldades na leitura e escrita, justamente por apresentarem pouca quantidade de material escrito.

UNIDADE 17 – 29/06/2016

Isso os encoraja a encarar o desafio de tentar lê-los e compreendê-los e, também, de produzi-los. Mas aqui o importante é que sejam textos com sentido completo, ou seja, não vale utilizar uma parte de um capítulo de um livro!

Alguns exemplos de textos curtos com sentido completo são: frase, anúncio de produto ou serviço, classificados para compra ou venda de bens ou serviços, legenda de imagem, dedicatória, parlenda, trava-língua, receita, embalagem, bilhete, convite, poema, piada e oração. O ideal é sempre trabalhar esses textos dentro de um contexto maior, como, por exemplo, uma festa literária da escola, ou uma narrativa sobre o cotidiano de uma família, em que vários desses textos possam ser produzidos em conexão com a história.

Gostaria de trazer uma observação sobre o trabalho que se faz com frases. Em muitas ocasiões, observa-se que os alunos são solicitados a produzir frases sem preocupação com o contexto em que podem ser utilizadas. O melhor é que se evite deixar o contexto de fora. Dessa forma, evita-se, também, que o aluno escreva frases “burocráticas”, que não expressam nenhuma emoção, nenhuma intencionalidade. Veja alguns exemplos de contexto (ou de intenção / emoção) para a produção de frases no tempo imperfeito: “escreva uma frase de saudade”, “uma frase maluquinha”, “duas frases que rimem entre si e que expressem impaciência” etc.

Quanto ao texto narrativo, o importante é que se faça com que o aluno compreenda que há uma estrutura a ser seguida. Em geral, os alunos são informados que as narrativas têm princípio, meio e fim. Se o princípio for “Era uma vez...” e o final, “E foram felizes para sempre”, por exemplo, todo o resto constitui o meio. Vê-se que essa referência não é suficiente para ajudar alguém que não tem a menor ideia de como estruturar uma narrativa.

Em contrapartida, veja essa outra orientação:

- No começo, descreve-se uma situação em que tudo está bem.
- Em um dado momento, acontece um problema ocasionado por um personagem, por uma fatalidade ou por simples acaso.
- Tenta-se resolver o problema, mas não se consegue.
- Faz-se uma nova tentativa, mas, ainda assim, o problema não é resolvido.
- Na terceira tentativa, o problema se resolve.

UNIDADE 17 – 29/06/2016

- Tudo volta ao normal.

Essa estrutura consegue oferecer muito mais suporte ao aluno que vai se iniciar na produção de textos narrativos porque indica de modo bem claro os fatos principais e a sequência em que ocorrerão.

Os contos maravilhosos possuem esse tipo de estrutura e, por isso, são ótimos para servir de apoio aos alunos com dificuldades em produção de narrativas. O professor pode ler alguns contos para a turma (ou junto com os alunos) e ir discutindo a estrutura de cada um. Ao final de algumas aulas, os alunos terão percebido a regularidade desses fatos que marcam a evolução da narrativa e pode-se propor que alterem alguns elementos, como, por exemplo, substituir uma das tentativas de solução por outra, criada pela própria turma.

Quanto aos problemas ortográficos, é importante que o professor faça um diagnóstico das principais dificuldades que os alunos estão apresentando, a fim de propor um trabalho diferenciado para cada tipo de dificuldade. Por exemplo, é bem diferente ajudar um aluno a escrever corretamente “hoje” e “saco”, porque as letras h e j da palavra hoje lá estão por motivos consensuais, e não há nenhuma regra que diga que toda palavra com tais e tais características se escrevem sempre com h e j. Já com a palavra “saco”, é muito mais fácil porque, embora tenhamos diferentes maneiras para representar o som de /s/, a única possível no início dessa palavra é a própria letra s, porque temos a seguinte regra sem exceção: nenhuma palavra pode começar com ss ou com ç.

Portanto, para que os alunos escrevam corretamente as palavras que NÃO são grafadas segundo uma regra ortográfica estável, sem exceções, é necessário que convivam com elas constantemente. A sugestão é que o professor selecione 4-5 palavras “especiais” por semana ou quinzena (dependendo das possibilidades de aprendizagem dos alunos) e as coloque em posição de destaque na sala. São palavras muito utilizadas pelos alunos e que estão sendo grafadas de modo incorreto. Alguns exemplos dessas palavras “especiais”: de repente, a gente, por isso, você, nós, hoje, então, muito, aí etc. No entanto, como tendemos a não enxergar mais aquilo que permanece igual por mais do que uns poucos dias, é fundamental que se criem jogos e brincadeiras com essas palavras, mudando-as de lugar, arrumando-as segundo um “segredo” que os alunos devem descobrir (por exemplo, em ordem alfabética ou em ordem numérica crescente

UNIDADE 17 – 29/06/2016

ou decrescente de acordo com a quantidade de letras, agrupando as que têm a mesma quantidade de sílabas etc.). Dessa maneira, os alunos estarão lendo essas palavras o tempo todo.

Com as palavras que seguem regras sem exceção pode-se utilizar outras estratégias e apoiar-se em dois pilares bastante confiáveis: a condição de falantes nativos dos alunos (portanto, conhecem a estrutura da língua e percebem regularidades) e sua capacidade de pensar logicamente. Por exemplo, se eu começo uma lista de palavras assim: amou – bebeu – cantou – dormiu – espirrou – ficou – ... qual poderá ser a próxima palavra? O falante nativo percebe que todas essas palavras pertencem à categoria de verbos que estão no passado e, por meio de um raciocínio lógico, é capaz de observar que a lista não foi escrita aleatoriamente, e sim a partir da ordem alfabética. Com essa simples lista, os alunos podem perceber que os verbos regulares, quando conjugados na 3ª pessoa do singular, no tempo passado, jamais terminam em L, sempre em U.

Enfim, somente com um diagnóstico preciso das dificuldades dos alunos é possível elaborar estratégias de sucesso para saná-las.

*Heloisa Padilha
Educadora*